

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO	19 JUL 1974	DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

A partir de hoje

Willy Brandt em Lisboa -um emissário da Europa

Chega, hoje, a Lisboa, por volta do meio-dia, o presidente do Partido Social-Democrático (S.P.D.) e antigo chanceler da Alemanha Federal, Willy Brandt. Trata-se do primeiro político alemão ocidental a visitar Portugal, depois de 25 de Abril. Das suas conversações com os dirigentes portugueses pode surgir a conclusão de um acordo especial entre Lisboa e a C.E.E.

Brandt viaja a convite do Partido Socialista Português. Ainda no aeroporto, dará uma breve conferência de Imprensa, sendo mais tarde recebido pelo primeiro-ministro Vasco Gonçalves, e pelo ministro da Justiça, dr. Salgado Zenha. Desloca-se amanhã, ao Porto, para participar de um comício do P.S., no Coliseu. Na segunda-feira, será recebido pelo Presidente da República e dará uma conferência de Imprensa no Hotel Ritz, regressando à Alemanha no princípio da tarde.

Da sua comitiva fazem par-

te, além da esposa, um porta-voz do S.P.D., um representante oficial do chanceler

Wileks, o secretário internacional do S.P.D. e um representante da Fundação Evert.

Segundo as agências internacionais meios ligados ao S.P.D., indicam que a viagem de Brandt a Portugal é muito mais uma «missão europeia do que social-democrata», pois consideram-se como «muito importantes», para a democracia, os acontecimentos: os flancos Sul da Euro-

pa: a Grécia e Portugal. Vê-se — afirmam aqueles círculos — unir os esforços para a estabilização da democracia nos dois países.

Acredita-se que Brandt discutirá, com os governantes portugueses, as relações entre Lisboa e a C.E.E. tendo em vista não a inclusão do nome de Portugal entre os «nove», mas a conclusão de um acordo pormenorizado.



Willy Brandt

O homem do entendimento

Poucos líderes políticos terão sido tão fascinantes e tão desconcertantes como a de Willy Brandt, o homem que resume a segunda fase da recuperação alemã no final da guerra, após a recuperação económica de Adenauer e Erhard. Para

Brandt, ao ascender ao Poder como chanceler federal, em 1969, a sua missão consistia, em primeiro lugar, na libertação política do seu país, e essa libertação traduzia-se exactamente pelo que muitos consideraram como uma submissão à U.R.S.S.: o reconhecimento da existência de duas Alemanhas e o processo de conseguir o bom entendimento entre ambas, enquanto os seus antecessores sempre haviam jogado com a N. A. T. O. e todos os poderes ocidentais para tentarem a reunificação, mesmo correndo-se o risco de nova conflagração mundial.

Tudo nele é pouco vulgar, a começar pelo próprio nome que nem é Willy Brandt, mas sim Herbert Ernest Karl Frahm. Um único apelido — o da mãe-solteira (uma pequena vendadora em estabelecimentos comerciais), já que é filho de pai desconhecido. Vive com dificuldades extremas os primeiros anos desse final da primeira guerra (nasceu em Lubeque, a 18 de Dezembro de 1913), embora na companhia fascinante do avô, exaltado militante comunista, que lhe fala com emoção da Internacional dos trabalhadores. Ainda novo, fez parte de organizações socialistas juvenis, entrando aos 17 anos para o Partido Social-Democrata.

Entretanto, iniciavam-se horas sombrias para a Alemanha com a subida de Hitler ao Poder e Brandt emigra para a Noruega, Passaria, depois, para a Suécia e em cada um dos países contrairia um casamento. Mas não só a vida sentimental foi assinalada pela permanência na Escandinávia: igualmente as democracias que se praticam nos países nórdicos tiveram influência extrema sobre a sua maneira política de pensar.

O final da guerra encontra-o em Nuremberga, seguido o famoso julgamento, como correspondente de jornais suecos e noruegueses. E nessa altura que recupera a nacionalidade alemã e volta a encaminhar-se para a acção política. A direcção do Partido Social Democrata confia-lhe a representação em Berlim. Em 1949 está em Bonn, como deputado ao Parlamento. Seis anos depois é eleito presidente da Câmara de Berlim e é aí, na cidade dividida, que se lhe torna evidente a necessidade de uma política realista de entendimento com a Alemanha de Leste, nada mais do que o reconhecimento de uma situação de facto. Os seus esforços, a crescente projecção do seu nome, fazem com que, em 1964, passe a desempenhar simultaneamente o cargo de presidente do Partido Social Democrata da Alemanha. Um ano antes, aliás, a Universidade de Harvard nos Estados Unidos, premiara o seu livro «Coexistência — obrigação de correr o risco», conferindo-lhe o título de doutor «honoris causa».

Para Willy Brandt — contrariamente aos sonhos que ainda povoavam o seu país — o que havia a fazer era levar a Alemanha a assumir as consequências da derrota nazi. Afirmou, a propósito das acusações que Strauss lhe fazia de capitular perante os russos: «A direita alemã espera que ganhemos uma guerra que Hitler perdeu. Deixemo-nos de sonhar!» E, perante um jornalista norte-americano, explicou assim a sua política de entendimento com Berlim-Leste: «O Pacto do Atlântico e Berlim-Oeste são realidades. Mas o Pacto de Varsóvia, as

duas Alemanhas, as fronteiras polacas, não o são menos. E desta base que se torna necessário partir.»

De Berlim até ao cargo supremo em Bonn, o caminho, porém não será fácil. Em 1961, o Partido Social Democrático obteve apenas 30 por cento dos votos e fica à espera de 1965, mas apenas para uma derrota mais exuberante. Brandt supõe perda da sua carreira e começa a beber. Chamam-lhe, até, «Weinbrandt», o que, a letra, se pode traduzir por aguardente. Em 1966, a inflação provoca séria convulsão interna que perturba gravemente o gabinete de Erhard. Pede-se aos social-democratas que se associem aos cristãos-democratas para formarem uma grande coligação. Aceitam e Brandt ascende a vice-chanceler e ministro dos Negócios Estrangeiros, enquanto Karl Schiller, caminhando na sua peugada, toma posse da pasta da Economia, fazendo com que prossiga a caminhada económica alemã, embora à custa de 600 000 desempregados, na Primavera de 1967. A opinião sobre os social-democratas altera-se totalmente e nas eleições de 1969, Brandt não tem dificuldade (apenas com o apoio do Partido Liberal) em conseguir o Poder.

A partir de então a Alemanha — e os seus 60 milhões de habitantes — retoma o seu lugar de primeira potência da Europa Ocidental. Em 1971, Brandt, recebe o Prémio Nobel da Paz, que justamente premia uma política e uma vida devotadas basicamente à «détente», mas na Primavera deste ano surge o inesperado Caso de espionagem declarada entre os elementos mais directamente ligados a Brandt (o seu próprio secretário) levam-no a uma atitude de firme desespero: o pedido de demissão.

Sucedeu-lhe Schiller, que o acompanhara como ministro da Economia, mas considera-se hoje que a carreira de Brandt, que chegou a parecer destruída, foi, na verdade muito pouco afectada pelo acontecimento, de que se provou não ter a menor responsabilidade.

Concreto representante dos social-democratas alemães, Brandt é, ainda hoje, para a maior parte do mundo, o autêntico representante da Alemanha do nosso tempo.